

UMA PROPOSTA DE LEITURA COM “A MENINA DAS BORBOLETAS”

Danielle Gomes de Sousa¹
 Luciênio de Macêdo Teixeira²
 Fabiana Ramos³

Universidade Federal de Campina Grande – UFCG

dannipedagoga@gmail.com

lucienio@hotmail.com

fabiramos.ufcg@gmail.com

Resumo: A literatura infantil, enquanto arte, contribui para a formação intelectual, emocional e psicológica dos seus leitores, em razão de contar com um amplo repertório de recursos condizentes com as necessidades intelectuais e afetivas das crianças (AGUIAR, 2001). Em seu âmbito, coexistem as narrativas que são contadas por meio entre linguagem verbal e/ou não verbal ou apenas aquelas narradas por meio das imagens. Esse último tipo de narrativa (por imagens), ainda pouco explorada, segundo Poslaniec (apud FARIA, 2008), mas detentora de inúmeras possibilidades de trabalho com as crianças, configura-se como um rico instrumento para o seu letramento visual e, por consequência, também para sua formação leitora. Considerando tal fato, é que analisaremos o livro por imagens “A menina das borboletas”, de Roberto Caldas, com o fim mais específico de propor um trabalho de leitura de tal narrativa para crianças da Educação Infantil – com faixa etária de 5 anos. Acreditamos que crianças nessa faixa etária, quando vivenciam propostas de leitura que valorizam a exploração das imagens para a construção de conhecimento, estarão mais propensas a desenvolverem práticas de letramento visual, em sua infância e, depois, na vida adulta. Para a elaboração da referida proposta, utilizaremos das contribuições de Aguiar (2001), Faria (2008), Lima e Vasconcelos (2009), Vieira e Silvestre (2015), entre outros.

Palavras-chave: literatura infantil, narrativas por imagens, letramento visual

-
- 1 Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Campina Grande.
 2 Doutor em Educação, orientador e docente da Universidade Federal de Campina Grande - UFCG
 3 Doutora em Linguística, co-orientadora e docente da Unidade Acadêmica de Educação – UFCG.

Introdução

A Educação Infantil, primeira etapa da educação básica, começa a ganhar mais visibilidade e ser discutida por mais especialistas no cenário educacional brasileiro do século XXI. Segundo a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB), essa etapa da educação tem por finalidade “o desenvolvimento integral da criança de até 5 (cinco) anos, em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade” (LDB, art.29). Dessa forma, o Estado tem o dever de oferecer e garantir a matrícula das crianças que fazem parte dessa faixa etária, assim como a família tem o direito à matrícula nas creches e pré-escolas existentes nos municípios de todo o país. Assegurado o acesso, uma outra preocupação dos estudiosos da Educação Infantil se configura com as práticas pedagógicas realizadas nesse âmbito.

Além do cuidado, essa etapa tem por objetivos o desenvolvimento de habilidades diversas a partir da brincadeira, da interação, da participação e da integração, dentre outros. No entanto, em muitas escolas brasileiras a Educação Infantil é configurada a partir de práticas tradicionais de ensino – semelhante ao Ensino Fundamental – como por exemplo: a preocupação em ensinar as letras do alfabeto, as cores, os números, a grafia do nome próprio de forma mecânica e repetitiva; o exercício de desenhos e pinturas perfeitas, o silenciamento das crianças em salas, dentre inúmeras outras práticas realizadas inadequadamente nesta etapa.

Dessa forma, uma das práticas que devem ser inseridas nessa etapa da educação se constitui o contato e o trabalho com a literatura infantil, por meio de narrativas por imagens, tendo em vista que os sujeitos desta etapa são pré-leitores do código verbal. A leitura de imagens contribui para o desenvolvimento de muitos aspectos, tais como: cognitivos, sociais, psicológicos e emocionais. Por meio de propostas de trabalho com o livro por imagens que é possível a construção de estratégias de leitura e, por conseguinte, colaborar para a construção de sentido das crianças.

Um fator muito importante e que não deve ser negligenciado no trato da Educação Infantil, utilizando a linguagem não verbal, são as questões que se voltam para a experiência estética⁴ presente nestes tipos de atividades. O poder de síntese e a capacidade que uma imagem possui de

4 A experiência estética pode ser definida como o estado de contemplação do sujeito diante da obra de arte. Para Pareyson, esta contemplação não deve ser passiva, pois “representa o cume de uma *atividade* intensa e operosa (PAREYSON, 2001, p. 207). Ainda segundo ele, “na contemplação o olho não é imóvel, mas percorre a obra de lado a lado, [...] colhe a obra no ato de chegar a ser como ela própria queria ser [...] é extremamente ativo este estado, [...] porque antes implica uma tomada de posse, uma afirmação de domínio, uma verdadeira e própria conquista da obra de arte.” (p. 207-208).

impregnar seu espectador tem como premissa ser uma representação sensível (MORA, 1969). Esta característica traz em si mesma todo um universo que pode e deve ser explorado, pois o deleite de uma imagem por uma criança não possui “atravessadores” e a relação se dá de forma direta. O que não se pode negligenciar é a necessidade de que o estímulo possa se dar não apenas no aspecto cognitivo, mas também numa espécie de encantamento – pelas formas, cores, simetria etc., em resumo, pela beleza:

O encanto, por conseguinte, prefigurando o processo da interpretação, ou seja, dando-lhe um início de fato e um termo ideal, define a qualidade do prazer estético. Seu movimento de surpresa produz aquele interesse sem o qual a interpretação ficaria sem vida e guia, e seu aspecto contemplativo estimula e solicita a interpretação prefigurando a sua conclusão, anunciando o repouso e a fruição em que possa aplacar-se, contente e satisfeita (PAREYSON, 1993, p. 194).

Uma vez encantado e motivado, o passo seguinte permite o desejo de interpretar e as consequências naturais, culminando no estágio seguinte que é o letramento visual. O que percebemos é que nisto reside a diferença que determinadas imagens possuem, mais do que outras, de cativar e, posteriormente, facilitar o trabalho de educador, quando da possibilidade da criança conseguir o salto entre o encantamento e a consciência daquilo que vê/lê.

Dessa forma, este trabalho tem por objetivo fomentar reflexões para práticas mais coerentes e respeitadas com os sujeitos na Educação Infantil, assim como oferecer uma proposta de leitura com a narrativa por imagens *A menina das borboletas*, do autor e ilustrador Roberto Caldas, que contribua para o desenvolvimento de estratégias leitoras na construção do sentido das crianças, além de favorecer práticas que direcionem os sujeitos a serem letrados visualmente. Assim, esta proposta de leitura se direciona a crianças da Educação Infantil – com faixa etária de 5 anos, inseridas em turmas de Pré-II⁵. Acreditamos que crianças nessa faixa etária, quando vivenciam propostas de leitura que valorizam a exploração das imagens para a construção de conhecimento, estarão mais propensas a desenvolverem práticas de letramento visual, em sua infância e, depois, na vida adulta.

Para a elaboração da referida proposta, utilizaremos das contribuições de Aguiar (2001), Faria (2008), Lima e Vasconcelos (2009), Vieira e Silvestre (2015), entre outros.

5 A denominação referente à turma depende da escola em que a criança está inserida. Existem escolas que denominam de Infantil V (ou 5), por exemplo. No entanto, independente de qual denominação a turma corresponde, a faixa etária de 5 anos de idade.

A literatura infantil e as narrativas por imagens

A literatura infantil surgiu no século XVIII e por algum tempo serviu a uma proposta pedagogizante de moralizar, ensinar e impor a ideologia da classe burguesa dominante da época. No entanto, após percorrer vários caminhos - entre progressos e retrocessos - a literatura infantil conseguiu o merecido espaço, a partir da década de 1970 e 1980, com a conquista do status artístico. Segundo Aguiar (2001) “o livro infantil, enquanto modalidade artística, possui as características estéticas que envolvem a literatura de uma forma geral” (p.16). Além dessas características, a literatura promove ao pequeno leitor o desenvolvimento: linguístico, da atenção e concentração, do emocional e psicológico, assim como do cognitivo.

A literatura infantil ajuda, também, o pequeno leitor a reconhecer que existem problemas e que estes podem ser solucionados. Assim, as narrativas infantis se estruturam, basicamente, com a *situação inicial* da história, na qual até então está tudo calmo, ou às vezes já se inicia com um problema – o *desequilíbrio* – quando o problema aparece de fato e se instaura na narrativa e, por fim, o *desenlace*, que se constitui pela resolução do problema. Um exemplo é a narrativa *A menina das borboletas*, de Roberto Caldas, que é explorada neste artigo.

Dessa forma, se faz necessário o trabalho com propostas que valorizem a narrativa infantil em seus vários aspectos. As crianças que têm acesso, desde cedo, ao livro literário e a mediadores que facilitem esse contato, em sua maioria, conseguem desenvolver um leitor em potencial com argumentos críticos e reflexivos. Assim, mesmo os pequenos que ainda não leem o código verbal necessitam desse contato permanentemente, pois é a partir das imagens que esses sujeitos conseguem simbolizar, construir conhecimento de mundo e fazer relações em sociedade.

Nesse âmbito, é necessário que as narrativas por imagens estejam presentes nas salas de aula de Educação infantil, para que se desenvolva

Um trabalho minucioso com as crianças, apontando ou levando-as a descobrir esses elementos técnicos que fazem progredir a ação ou que explicam espaço, tempo, características das personagens etc. aprofundará a leitura da imagem e da narrativa e estará, ao mesmo tempo, desenvolvendo a capacidade de observação, análise, comparação, classificação, levantamento de hipóteses, síntese e raciocínio (FARIA, 2008, p.59).

A partir do trabalho com textos visuais na sala de aula de Educação infantil a criança tem a possibilidade, segundo Silva (2014), de formular inferências, interiorizar os elementos da situação, transformá-los em conhecimento, elaborar significações para, assim, chegar a se constituir como leitora. Esse processo de construção de conhecimento não se constitui linearmente, nem tampouco

acontece em momentos estanques, por isso que o professor dessa etapa da Educação necessita inserir em seu planejamento práticas cotidianas com o livro de imagens. Em seguida, trataremos acerca de textos numa abordagem multimodal e também do letramento visual.

Multimodalidade e letramento visual

A linguagem se constitui como fundamental à sobrevivência do ser humano em sociedade. De alguma forma, as pessoas se comunicam – sejam bebês por meio do choro; os surdos pela língua de sinais; assim como por meio da linguagem verbal. No entanto, durante muito tempo e, ainda hoje, a cultura escrita exerce um papel de destaque na sociedade. A oralidade, por exemplo, ainda é pouco estudada no campo da linguagem em relação à leitura e à escrita. As práticas em sala de aula da Educação básica enfatizam atividades de leitura e escrita, enquanto a oralidade é relegada ao segundo plano.

Por outro lado, atualmente, com o advento da sociedade visual, novas perspectivas estão sendo observadas e estudadas. Uma dessas perspectivas é o estudo da *multimodalidade*, o qual possibilita “a variedade dos modos de comunicação existentes” (STREET, apud Glossário CEALE). Esses meios de comunicação podem ser verbais, visuais, gestuais, corporais, dentre outros. Essas novas linguagens compõem a multimodalidade e têm forte ligação com a lógica da globalização e das tecnologias, por expressarem essas novas formas e olhares para algumas áreas do conhecimento: o marketing – propaganda – ; as artes em geral; e a educação.

As autoras Vieira e Silvestre (2015) discutem sobre a multimodalidade e o letramento numa perspectiva que aborda, em específico, o letramento visual e a importância das imagens nos textos multimodais. As mesmas autoras rememoram que na Pré-história a forma de comunicação mais utilizada era por meio da arte rupestre, com pinturas e gravuras em rochas. Assim, as imagens “faziam” o papel da escrita. Atualmente, a linguagem visual está presente na sociedade de várias formas e se caracteriza como mais do que uma ilustração, pois, conforme Vieira (2015), é “fonte de conhecimento, de memorização, mas sobretudo fonte de construção de representação de sentido” (p.76). Assim, desde a Educação infantil essa construção de sentido pode ser proporcionada por meio das narrativas por imagens para uma formação de sujeitos letrados visualmente.

A respeito, Vieira (2015) afirma que,

Quando a leitura de imagens é precedida pela escolaridade necessária, tal preparo contribui para o desenvolvimento de estratégias de leitura de textos multimodais, visando à

compreensão eficiente e à habilidade específica para lidar com mídias concebidas com diferentes tecnologias (p.89).

Podemos também definir que, de alguma forma, a linguagem visual – não verbal –, em que pese a massificação da comunicação verbal, é responsável por 55% de comunicação entre duas pessoas, principalmente pela linguagem corporal, “o restante é dividido entre 38% pela entonação da voz e apenas 7% pelo uso específico da linguagem verbal” (COSTA *et al.*, 2012, p. 75). Essa característica, aliada ao encantamento próprio do belo, tornam-se ferramentas muito importantes que, diga-se de passagem, são utilizadas constantemente pelos autores e ilustradores de livros infantis. Esse conhecimento, muitas vezes empírico, é demonstrável a partir do sucesso da obra e sua análise estética, momento no qual as características que possibilitam um trabalho de letramento visual estão, inexoravelmente, impregnada do belo⁶. Vejamos estas características a partir da análise de *A menina das borboletas*.

A narrativa por imagens *A menina das borboletas*

Apresentamos nesta seção uma análise da narrativa por imagens **A menina das borboletas**, do autor e ilustrador Roberto Caldas, publicada pela editora Paulus e que faz parte do acervo do Programa Nacional Biblioteca da Escola – PNBE, do ano de 2010. A história narra apenas por imagens a história de uma menina que cultivava uma flor, acompanhada de algumas borboletas e de um passarinho, no entanto ela enfrenta algumas dificuldades para que a flor cresça, pois algumas pessoas pisam nela, um cachorro faz xixi na planta, dentre outros problemas. Mas, ao final, após várias estratégias utilizadas para proteger a flor, a menina consegue ter um grande jardim com muitas flores e sua felicidade é plena.

Antes de passarmos às cenas iniciais do livro, se faz necessário observar a capa e a contracapa, que demonstram uma menina com sentimento de alegria e tranquilidade – expressados por meio do seu sorriso – e com uma muda de flor na mão. Várias borboletas estão ao redor dela, que está acompanhada de um pássaro de olhar sereno. Na contracapa, estão sete vasos com flores e

⁶ Para Platão, o *belo* tem correlação com a verdade e com o que é bom. Outros filósofos vão dizer, como Kant, que o *belo* é aquilo que agrada. Definições tão díspares, no entanto, não podem prescindir que o *belo* não está destituído de matéria e que em ambas as direções o objeto devem ser sensíveis, que a única forma de contato com o mesmo é interpretativa e que as questões técnicas, histórico-geográficas e da personalidade do autor afloram em cada manifestação artística.

uma borboleta. Esses elementos iniciais, presentes na capa e contracapa, ajudam ao leitor construir hipóteses sobre a narrativa.

A narrativa apresenta um equilíbrio inicial da menina de posse de uma pá e uma muda de flor, caminhando em direção a um pedaço de terra para plantá-la e, ao seu redor, quatro borboletas lhe acompanham, enquanto um pássaro do alto observa atentamente toda a situação. A menina, ao conseguir plantar sua flor, sai do local e caminha retornando juntamente com as borboletas. Neste momento, acontece o primeiro desequilíbrio da narrativa, quando uma senhora passa por cima da flor com seu carrinho de compras. O pássaro olha de cara feia para a senhora, mas ela o despreza. Ele ainda esboça uma expressão de grito, para que a senhora não cometesse tal ato, mas a tentativa não obteve sucesso. A menina volta ao local com as borboletas e demonstra uma expressão de susto com a boca, ao ver sua flor esmagada. Mas, ela não desiste e planta uma outra muda. Assim, como a senhora, mais três obstáculos – um homem que pisa a flor, uma bicicleta que passa por cima e um cachorro que faz xixi - aparecem adiando o sonho da menina de ver sua planta crescer. A cada ação da menina, o número de borboletas aumenta e o pássaro a acompanha entre os sentimentos de alegria, tristeza, decepção e superação.

Num terceiro momento da narrativa, a menina, cansada de tal situação, tem a ideia de trazer uma mala com travesseiro e lençol para dormir junto a flor e protegê-la. As borboletas e o pássaro a acompanham nessa aventura. O desfecho da narrativa ocorre com o crescimento da flor e o nascimento de várias outras flores. A menina, as borboletas e o pássaro ficam muito felizes e, ao final, ela consegue um grande jardim com inúmeras flores. A menina, juntamente com as borboletas e o pássaro, brincam e se divertem em meio as flores.

Alguns aspectos técnicos são importantes e contribuem para a compreensão e o encadeamento das ações da narrativa. Nessa obra, o aspecto espaço-temporal é percebido a partir do crescimento do espaço, das cenas e dos personagens, assim como o número de borboletas também aumenta, significativamente. Toda a narrativa possui um enquadramento maior e outro menor, que comporta as cenas do cultivo da flor. No entanto, o pássaro fica fora, a maior parte da narrativa, do enquadramento maior e, ao desenrolar das cenas, em alguns momentos ele aparece dentro do enquadramento.

É importante salientar que as cores aqui são utilizadas como uma fronteira entre o desejo deliberado em “embelezar” o mundo, retratado na iniciativa da menina, e a “indiferença” do resto do mundo, personificado pela ausência de cor. Muito provavelmente o autor teve a intenção de

reforçar as diferenças de posturas, escolhendo uma delas, aquela considerada como boa, com a presença das cores. Podemos ver que a relação entre o belo, personificado pelo colorido, e o bom, que é a ação de plantar flores, possui relação inversa de qualidade com a indiferença – presente na ausência de cores e no olhar horizontal dos outros personagens. Todo o desejo e força da menina é reforçada quando o “mundo colorido” se torna pleno, momento este que a catarse se completa.

Ainda sobre a técnica, as expressões faciais dos personagens são de uma riqueza e qualidade espetacular, assim como os elementos que expressam movimento (a exemplo do pontilhado que transmitem o percurso das borboletas). Os recursos, as técnicas e o encadeamento das ações bem utilizados conferem a qualidade à narrativa e ao ilustrador. E, apesar do ilustrador utilizar técnicas e elementos, essas não são formas estanques, pois existem momentos na narrativa em que o protocolo é quebrado, por exemplo, quando o enquadramento é desestabilizado ou quando uma cena começa em uma página e termina em outra, dentre outros exemplos.

Nas entrelinhas, ou melhor, nas “entre-imagens” a narrativa proporciona algumas reflexões acerca de temáticas relevantes, apesar de não ser o objetivo deste trabalho e também não é intenção pedagogizar a literatura. Inicialmente, o desejo da menina em cultivar flores demonstra uma sensibilidade em relação ao meio ambiente a que, em contrapartida, muitos adultos no decorrer do dia-a-dia, em meio ao trabalho e tarefas rotineiras, não conferem importância. Esse contato com os elementos da natureza também está na contramão do que muitas crianças estão vivenciando atualmente, trancafiadas em seus lares, em contato com a tecnologia e jogos virtuais. A questão da ajuda, colaboração e do companheirismo entre os personagens também são enfatizados durante toda a narrativa, dentre muitas outras reflexões que poderiam ser suscitadas.

Proposta de leitura da narrativa por imagens *A menina das borboletas*

A proposta de leitura se direciona a crianças pré-leitoras e que estão em processo de desenvolvimento das habilidades específicas da Educação Infantil. Inicialmente, a proposta é que os professores estabeleçam um espaço adequado para a leitura do livro, seja dentro da sala de aula ou em outro espaço – o pátio, a biblioteca, embaixo de uma árvore, entre outros, mas que todas as crianças estejam acomodadas de forma favorável à visualização do livro. Nesse momento, o

professor pode utilizar uma caixa surpresa⁷ no centro da roda, contendo a narrativa, o que de imediato chamaria a atenção das crianças, iniciaria sua fala afirmando que dentro da caixa tem algo que eles deverão tentar descobrir o que é. Assim, inicia-se o **levantamento de hipóteses** das crianças acerca da surpresa contida na caixa (O que vocês acham que tem dentro dessa caixa? É uma surpresa, quem consegue adivinhar? Irei passar a caixa para vocês sentirem o peso, o que será que há dentro? É leve ou pesado? Será que é grande ou pequeno o que tem dentro da caixa? etc.).

Em seguida, de posse do livro, o professor, em uma roda de conversa, estabelece o primeiro contato a partir da capa, mostrando às crianças e lhes solicitando que a observem e descrevam o que eles estão visualizando. Após essa apreciação visual, o professor – mediador – inicia o processo de **levantamento de hipóteses**, solicitando aos alunos que pensem sobre o título da história, após o que o professor faz a leitura do título do livro e confronta as possibilidades de títulos que as crianças mencionaram. Informa ainda o nome do autor e ilustrador, editora e coleção da obra. Na contracapa, o mediador pede aos alunos que observem e descrevam oralmente suas apreciações.

Na primeira página do livro, apresenta-se a situação inicial, na qual o professor pede para que as crianças descrevam a cena, assim como os personagens por meio da **oralidade**. Esse momento se traduz em uma das habilidades essenciais da Educação Infantil, pois a criança necessita ter “voz” e “vez”, precisando ser ouvida e visibilizada. Assim, nas demais cenas, deverá ocorrer a ativação dos conhecimentos prévios, o processo de levantamento de hipóteses, a construção de inferências, sempre a partir do suspense do que acontecerá entre uma cena e outra. Esses procedimentos se constituem como estratégias de leitura essenciais para a construção de sentido do pequeno leitor para o texto lido. O professor/mediador tem esse papel de mediar o desenvolvimento de estratégias para uma progressão na compreensão de leitura das crianças, com base em perguntas que funcionem como acionadoras de tais estratégias.

O desequilíbrio da narrativa acontece na quarta página, quando uma senhora passa por cima da flor com seu carrinho de compras. Nessa ocasião, se faz necessário que o mediador construa um processo de construção de inferências com as crianças a partir das pistas deixadas no texto como, por exemplo, a flor murcha e a expressão facial da menina, assim como o sentimento que é externado por ela.

7 A caixa surpresa pode ser considerada um material que, normalmente, as professoras da Educação Infantil utilizam como recurso de atrair a atenção, suscitar os aspectos imagéticos, a surpresa e a curiosidade das crianças. Dentro desta caixa podem ser colocados diversos objetos, livros e outros materiais, a depender do propósito da aula ou da brincadeira.

Nesse momento, o professor instiga as crianças – a partir de hipóteses– para pensar sobre o que acham que acontecerá quando a menina vir sua flor destruída. Outros questionamentos podem ser gerados acerca dos sentimentos da menina e do pássaro causados por esse ato da senhora, como também, nas páginas seguintes, a ação do senhor, do menino com a bicicleta e do cachorro, a partir das expressões da personagem. Esse trabalho de possibilitar estratégias de leitura para a construção de sentido revela uma prática sistemática e que demanda tempo e sensibilidade com as crianças. Isso porque a leitura a partir das imagens para favorecimento do letramento visual não deve ser vista e nem tampouco incluída no planejamento dos professores como um momento apenas de acolhida ou de preenchimento de “sobras de espaços” durante a aula, mas sim como um momento de deleite da leitura para a construção de sentido da narrativa, sem necessitar utilizar práticas mecanicistas e tradicionais de leitura e compreensão.

Ao encaminhar-se para o desfecho final da narrativa, as crianças devem ser motivadas a pensarem sobre o que acontecerá após a menina conseguir que sua flor se desenvolva e quais as reações dos personagens com tal situação. O desfecho final acontece quando a menina consegue ter não só uma flor, mas sim um jardim repleto de flores, e todos os personagens vivenciam um momento pleno de felicidade, alegria e satisfação em poder brincar em um jardim como aquele. Nesse momento, o professor motiva os alunos a observarem as expressões dos personagens e tecerem comentários acerca dos sentimentos dos mesmos, assim como os recursos visuais de movimento, que proporcionam à narrativa uma dinamicidade e vivacidade das ações. As crianças devem ser motivadas a expressarem, por meio da oralidade, suas apreciações acerca do livro, assim como o professor pode solicitar que uma ou mais crianças façam o reconto do livro, oralmente, o que favorece o desenvolvimento de sua capacidade de resumir aquilo que ouve, contemplando início, meio e fim da narrativa.

Outros questionamentos devem ser feitos para que as crianças possam construir sentido acerca da narrativa. Por que a menina, o pássaro e as borboletas são coloridas e as pessoas adultas são de cor preto e branco? Por que ao redor das borboletas tem pontinhos tracejados? Quais são as expressões do passarinho ao ver a menina triste, desapontada, chateada, irritada e feliz? Por que o número de borboletas aumenta durante a narrativa? A menina tinha um sonho de ver a flor crescer, vocês também têm sonhos? Quais? A moldura interna do enquadramento cresce, os personagens principais - a menina, o pássaro e as borboletas - dessa narrativa também crescem? Dentre muitas outras questões que podem ser elaboradas para que sejam explorados ainda mais os recursos visuais presentes na narrativa.

Também, como sugestão para o trabalho com a narrativa *A menina das borboletas*, o professor pode levar para sala de aula uma muda de planta para que as crianças possam cultivar – na horta ou jardim da escola – e proteger, para que, assim como a flor da menina conseguiu florescer, a das crianças também consiga. Como complemento, o professor pode construir um diário de campo com alunos de observação do crescimento e possíveis intercorrências ao cultivo da planta da turma. Ao final, em companhia do professor, as crianças deverão intitular a experiência vivida, expor no mural da escola uma cópia e fazer um rodízio da experiência nas casas, para que as crianças possam partilhá-la com seus familiares.

Como forma de disseminar a leitura por imagens e construção de sentido para outros sujeitos e outros espaços, propor às crianças que façam a leitura da narrativa em outras turmas da escola, assim como informar sobre o cultivo de uma planta dessa turma no jardim/horta da escola. Além disso, será possível realizar uma dramatização da narrativa para pais, familiares e a comunidade em geral. Essas propostas têm por objetivo fomentar o gosto e o prazer pela leitura, contribuindo para a construção de sentido das crianças na busca de serem sujeitos letrados visualmente.

Acreditamos que, a partir das sugestões de proposta de trabalho descritas, um fator muito interessante que deve ser abordado é a percepção da criança que teve contato com o livro com relação às cores e ao aumento do enquadramento colorido disposto no livro. Uma pergunta que deve ser posta é: os personagens indiferentes e sem cor, como ficariam diante do “novo mundo” conquistado pela menina? Nas três ações acima este questionamento é essencial, pois incorpora diretamente uma dimensão estética. Crianças, professores ou pais, se voltarão para aquilo que transcende a história em si, tomando consciência da importância do belo, bom e verdadeiro e o melhor, sem atravessadores. A linguagem visual não tem apenas um caráter cognitivo ou lógico-racional, ela também tem em si mesma a possibilidade da experiência estética como motivador e estimulante no conhecer do mundo.

Considerações finais

O trabalho com as narrativas por imagens se configura como indispensável em salas de Educação Infantil no tocante à construção de sentido e conhecimento de mundo das crianças. Atualmente, o visual está sendo disseminado e cada vez mais valorizado na sociedade e, dessa forma, participar de práticas que envolvam esta modalidade /tipo de letramento é estar imbricado no processo de construção de um novo olhar para o mundo. As crianças que têm acesso ao trabalho com as imagens e o visual, ainda na Educação infantil, estarão mais propensas a serem letradas

visualmente também na idade adulta. Logo, este artigo se constitui como uma proposta de inserção e trabalho significativo, a partir das estratégias de leitura, com as narrativas por imagens para a construção de sentido e favorecimento do letramento visual aos pequenos leitores.

Referências bibliográficas

AGUIAR, Vera Teixeira de (Coord.). **Era uma vez...na escola: formando educadores para formar leitores**. Belo Horizonte: Formato Editorial, 2001.

CALDAS, Roberto. **A menina das borboletas**. São Paulo: Paulus, 1990.

FARIA, Maria Alice. **Como usar a literatura infantil na sala de aula**. 4.ed., 2ª reimpressão. – São Paulo: Contexto, 2008).

BRASIL. **Ministério de Educação e Cultura. LDB - Lei nº 9394/96**, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da Educação Nacional. Brasília : MEC, 1996.

LIMA, Fabiana Ramos de & VASCONCELOS, Fabíola C. de. **A narrativa por imagens e a formação inicial do leitor**. In.: SILVA, Márcia Tavares & RODRIGUES, Etienne Mendes (orgs.). Caminhos da leitura literária: Propostas e perspectivas de um encontro. Campina Grande, Bagagem, 2009.

MORA, J. F. **Dicionário de Filosofia**. Tomo I, 5. Ed. Buenos Aires: Sudamericana, 1969.

PAREYSON, Luigi. **Estética: Teoria da Formatividade**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1993.

PAREYSON, Luigi. **Os problemas da estética**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

COSTA, C. M. da, BEZERRA L. T. S., TEIXEIRA, L. de M., DIAS, P. R. de F., In: BEZERRA, L. T. S., OLIVEIRA, S. M. L. G (Org.). **Pensamento, linguagem e ludicidade na Educação Infantil**. João Pessoa: Editora Universitária da UFPB, 2012, p. 47-121.

VIEIRA, Josenia & SILVESTRE, Carminda. **Introdução à Multimodalidade: Contribuições da Gramática Sistêmico-Funcional, Análise de discurso crítica, Semiótica social**. Brasília , DF: J. Antunes Vieira, 2015.